

# O sagrado em palimpsesto: o carnaval da crônica de Lima Barreto

Idemburgo Frazão\*

## RESUMO:

Este artigo intenta desvelar a presença de uma forma peculiar de relação com instâncias do sagrado, nas crônicas de Lima Barreto sobre o carnaval. Percebe-se, sob as camadas dos assuntos cotidianos, a existência de uma aspiração ao contato com o sagrado (concebido como “fome de infinito”, “fome de Deus”). As reflexões contidas neste artigo perpassam questões relativas à relação da crônica (literatura) com as “escritas de si”, com a memória e com as identidades, na Pós-modernidade.

**Palavras-chave:** Lima Barreto. Crônica. Sagrado. Carnaval. Memória.

## Introdução

Lima Barreto esteve longe de ser um teórico. Se armou, contudo, de ideias-chave para polemizar ou simplesmente se definir a respeito de questões que o angustiavam (Joel Rufino).

A temática do sagrado, na literatura, remonta aos primórdios dos estudos literários, na antiguidade clássica. Logo se destaca entre os séculos V e IV a. C., a tragédia grega, uma manifestação artística com base religiosa, apresentada em honra ao deus Dionísio. A catarse, que recebe ênfase na *Poética* de Aristóteles, também remete a problemática da arte às instâncias do sagrado, sendo um meio através do qual a alma pode se purificar. Mais diretamente ainda, na Idade Média, arte e religião formavam uma espécie de amálgama indissociável. No Renascimento, mesmo sob a ascensão da razão e o enfraquecimento da hegemonia do Clero, as maiores realizações da arte pictórica se deram no interior das igrejas. Do piso das capelas aos afrescos das catedrais, a arte tornou-se veículo de beleza e, muitas vezes, de repressão. Proibido, o riso habitava o silêncio dos mosteiros e marcava sua presença “in absentia”, no cotidiano. Umberto Eco, em *O nome da Rosa*, deixou para a posteridade obra prima que mostra como o riso – e, por consequência a obra de arte – esteve sob o domínio da Igreja, encarcerado junto a preciosidades que poderiam depor exatamente contra o fosso imposto pelas autoridades eclesiais para separar a arte (“profana”) das instâncias do sagrado.

Percebe-se, na contemporaneidade, que “sagrado”, em literatura, não se opõe, necessariamente, a profano – entendido com sentido de mundano, imoral –, e, sim, a “materialismos”. Nas epopeias, o sagrado compõe a cena, relacionando-se harmoniosamente com a história e com a ficção. A história, elevada à potência de mito, sustenta narrativas imaginadas por um autor consciente de que a grandiosidade do herói que criará dependerá de sua mestria no tratamento bem dosado de elementos advindos do campo do sagrado (o maravilhoso), da história e da literatura. Assim, o sagrado surge, na literatura, enquanto caminho possível de diálogo com o desconhecido, com o infinito.

O ontológico, fundado na preocupação com o conhecimento do ser, muitas vezes suprimido pelas “religiões formais”, não deixa de ser o fio condutor de questões que perseguem os seres humanos desde as suas primeiras reflexões sobre si mesmos e sobre o mundo circundante. Shakespeare e Descartes ratificam o que aqui se afirma, ao refletirem sobre a importância de se pensar sobre o pouco

conhecimento que se tem das instâncias do sagrado e sua importância como elemento de equilíbrio da existência humana. Descartes tentou provar a existência de Deus pela via da ciência. Ser ou não ser, pensar para existir. Existir por pensar, existir para pensar, eis as questões. O mesmo Shakespeare esclarece que os mistérios sobre o ser ultrapassam as cogitações sobre o “telos” humano. Como se pode depreender das leituras da primeira *Crítica* kantiana, os seres humanos não têm condições mínimas para entender o “nomen”. Apenas podem compreender o mundo que os cerca a partir dos *a priores* do espaço e do tempo. Assim, só é dado aos homens conhecer os fenômenos, ficando as “coisas-em-si” para o campo das elucubrações e para o espaço muitas vezes mais que humano do sagrado. O “além-homem” Nietzscheano, muitas vezes confundido com o massivo super-homem midiático, descortina uma possibilidade de que surja um viço novo nas relações entre os Homens e o desconhecido, na contemporaneidade. Pode-se afirmar, mesmo em detrimento do que parece ser a expectativa de Nietzsche diante da questão da religiosidade, que o “além-homem” situa-se no campo do sagrado, aqui entendido também como espaço do desconhecido e não apenas da religião. Percebe-se, a partir da tentativa que aqui se faz de “fugir” da relação do sagrado com a religião, que a palavra sagrado está fortemente impregnada, pelo menos no senso comum, do sentido institucional da religião. E a busca de Nietzsche era a de, partindo da morte desse Deus institucionalizado, perceber o viço de uma nova relação com o desconhecido (ou, pelo menos, não pensar no assunto, vivendo livre de ideias pré-concebidas). A partir do que aqui se diz sobre a problemática da institucionalização (e/ou encarceramento) do desconhecido, pode-se entender o sagrado, também, não como sinônimo de religião, mas de ontologia, de reflexão sobre o ser ou mesmo espiritualidade, caso se pense nesse termo sob o prisma da ideia de liberdade de pensamento sobre o mundo dos “nômenos” – para lembrar novamente Kant –, enquanto ponto de equilíbrio com a “matéria”. Os termos designativos do campo do sagrado estão impregnados, como se disse há pouco, de sentidos já cristalizados, institucionalizados. Por isso, embora não apenas por esse motivo, em vários momentos dos estudos acadêmicos ocidentais, em geral, torna-se difícil discutir sobre aspectos que aspirem a um entendimento menos parcial da questão do sagrado.

Partindo das reflexões acima, o presente estudo visa a desvelar a presença, nas crônicas de Lima Barreto, de passagens em que o mesmo deixa pistas de que, mesmo se considerando agnóstico, “voltariano”, como costumava afirmar, não era de todo contrário à busca de “infinito”, à “busca de Deus”. Inusitadamente, o momento em que sorradeiras afirmações confessionais instauradas no campo do sagrado se dão, nas crônicas limabarretianas, até aqui estudadas, está grafado nas crônicas que tratam do carnaval.

## **A redenção da utopia**

Em uma obra que merece maior atenção dos estudiosos, *Redenção e Utopia: O judaísmo libertário na Europa central: um estudo da afinidade eletiva*, Michel Löwy (1989) aproxima dois aparentes polos antagônicos em relação à problemática do sagrado: religiosos e ateus. De um lado, Löwy perfila autores “judeus religiosos anarquizantes” como Martin Buber, Franz Rosenzweig, Gershom Scholem, Leo Löwenthal. Do outro, contrapõe os “judeus assimilados, ateus-religiosos, libertários”, Gustav Landauer, Ernst Bloch, György Lukács e Erich Fromm (LÖWY, 1989). Nessa aproximação, estranha para a época de “vigência do marxismo”, Löwy consegue, senão ultrapassar a dicotomia sagrado X não-sagrado (religiosidade X ateísmo), aproximá-las, de forma brilhante, ao utilizar como eixo discursivo a noção de afinidade eletiva, extraída da obra de Goethe. Tal afinidade se baseia em elementos comuns, presentes no pensamento desses diversos e, muitas vezes antagônicos autores. Mas tal antagonismo, a partir de um estudo que leva em conta a trajetória e as metas dos estudiosos, perde sua potência.

Tanto os autores de tendência materialista (marxista) quanto os religiosos têm como pressuposto o que hoje poder-se-ia denominar “promoção humana” (FRAZÃO, 2010). Os meios se diferenciam, as práticas são diferentes, mas o “telos” é o mesmo. A Utopia, marca dos marxistas, está na base mesma dos princípios cristãos, poderia afirmar um adepto da Teologia da Libertação, muito em voga na década de 1970, que enfrentou o regime ditatorial militar ao lado dos marxistas. Este mesmo militante poderia afirmar que a base do pensamento de Jesus de Nazaré era utópico, no sentido de não coadunar com as práticas sociais e religiosas de sua época. Tal utopia levou inúmeros jovens a erguer a bandeira da “promoção humana” empunhando armas, o que o pacifismo do Nazareno não permitiria. A redenção, base do importante e arguto título de Löwy, desse diaspórico autor brasileiro que radicou-se na França, é a meta de ambos os grupos por ele estudados. A utopia é o instrumento dos dois, também. Entretanto, para explicar isso, para convencer (a eles e aos leitores) de que a utopia e a redenção são elementos fundamentais tanto dos “materialistas” (na maioria, “ateus”), quanto dos “religiosos”, ter-se-ia que deixar de lado o consciente ou inconsciente pré-conceito. Ou seja, seria necessário que os religiosos e os ateus percebessem que lutavam por ideais semelhantes, centrados na busca do bem comum. Mas, como se pode perceber nesta tentativa aqui formulada, novamente se vê que os termos (e as práticas de cada grupo) já estão impregnados por noções que, em sua base, apresentam-se como antagônicas. Um religioso tem dificuldade de entender que mesmo sem se dizer religiosas, algumas pessoas praticam mais a “religiosidade” que aqueles se assumem religiosos, e que a redenção não é algo aspirado apenas pelos religiosos. Ao lutar por uma causa relativa à relação de exploração dos trabalhadores, um marxista busca o bem-estar dos trabalhadores (exercita o amor ao próximo proclamado pela cristandade), portanto se insere em uma espécie de redenção que consiste na busca e na manutenção da paz consigo mesmo e com a sociedade.

### **Carnaval limabarretiano: o sagrado em palimpsesto**

Para qualquer leitor que tenha minimamente tomado conhecimento sobre a obra literária e/ou da biografia de Lima Barreto, o presente artigo causará tanta ou maior espécie quanto a provocada pela aproximação de ateus e religiosos realizada em *Utopia e Redenção*, por Michel Löwy, exatamente por ter como temática central a relação entre a literatura, o sagrado e o carnaval.

A estranheza de um estudo da tematização do sagrado na crônica limabarretiana, como a que aqui se propõe, é causada, principalmente pelo fato de que é conhecida, na trajetória literária do autor de *Os Bruzundangas*, sua crítica veemente a toda forma de engodo ou hipocrisia social, reforçada por seus estudos no curso de Engenharia da Escola politécnica, reduto do positivismo do século XIX. O templo Positivista construído na rua Benjamin Constant, no bairro da Glória, Rio de Janeiro, é testemunho de como a razão atingiu o patamar da religião. Herdeiro da tradição positivista, que, pode ser entendida enquanto uma forma de religião – no caso, a religião da razão –, Lima primava pela crítica e não pela prática religiosa, pelo menos no sentido comum das tradições ocidentais. Assim, de imediato, surge um estranhamento causado pelo fato de que dificilmente se poderia aventar a possibilidade de se estudar ou pesquisar a presença nos textos de Lima Barreto de algo que demonstrasse uma aproximação de sua obra ou mesmo sua biografia à questão do sagrado, da religião ou da espiritualidade.

Para demonstrar a presença de momentos curiosamente relacionados à importância dada por Lima Barreto ao genuíno encontro da alma humana com uma paz interior, almejada e pouco conseguida por ele, utilizar-se-á, como base argumentativa a presença do entusiasmo nas atitudes dos foliões. Tal entusiasmo é o que desperta o cronista para a importância da força da união de

pessoas em torno da alegria. Lima, em suas crônicas que tratam do carnaval, afirma que se pode extrair das manifestações carnavalescas momentos de entusiasmo (“enthousiasmós”) comparáveis aos encontrados nas peregrinações religiosas. Como se pode ler no dicionário Aurélio, na antiguidade, “enthousiasmós” significava “exaltação ou arrebatamento extraordinário daqueles que estavam sob inspiração divina [...]” (FERREIRA, 2009, p. 768).

Embora aparentemente opostas, para algumas seitas radicais, as festas carnavalescas, como se sabe, são irmãs seculares dos encontros religiosos. Aliás, como é de conhecimento público, as origens do carnaval remontam às festas religiosas gregas, às festas de Baco e à saturnália, festival romano realizado em homenagem ao deus Saturno. A subversão da ordem, a realização de sacrifícios e banquetes, com o uso de máscaras, não desfaziam a forte relação da festa com a religião. Um exemplo claro dessa relação também na religião cristã, pode ser dado, lembrando de que o próprio calendário anual do carnaval relaciona-se com a Quaresma do calendário religioso. A tradição religiosa católica é marcada, também, por grandes festas, principalmente as realizadas em homenagem aos santos padroeiros. O púlpito e, principalmente, o adro das igrejas sempre serviram como espaço/ou palco para a realização de festas e encenações várias.

No caso aqui comentado, é importante frisar que a presença do sagrado ou de momentos de reflexão sobre um estágio menos material de vida, na obra de Lima Barreto, mais precisamente nas crônicas, se dá de maneira inconsciente, ou, pelo menos, não havia no cronista a intenção de refletir ou pôr em destaque qualquer ideia sobre sua religiosidade. A ausência de tematização específica da religião nas crônicas torna a percepção da presença do sagrado na crônica limabarretiana mais instigante. Para demonstrar que o sagrado, em Lima, surge à revelia de suas próprias intenções (pois, no caso, o cronista tratava de problemas relativos ao carnaval) optou-se pela utilização do termo palimpsesto, pelo fato de que se trata de um tipo de escrita que prima pelo ato simultâneo do apagamento de uma mensagem pela sobreposição imediata de outra. O objetivo é o de descobrir – sob a camada das fortes críticas ao carnaval –, a presença de um sentimento de apreço às sensações de paz e transcendência que o carnaval propicia.

## **Fome de Infinito**

Para iniciar a abordagem sobre a presença e elementos do sagrado na obra limabarretiana, é importante que se remeta, aqui, a um trecho de “Superstições domésticas”, um texto presente em *Sátiras e crônicas/ Coisas do reino de Jambom*, onde se percebe uma crítica a marcante sobre presença da superstição no cotidiano brasileiro.

Nesse debater nas trevas da nossa vida terrena, que é como caminhamos na nossa breve existência, sem marcos, sem certeza do que fomos, do que somos e do que seremos, a nossa mais urgente necessidade é estar bem com o mistério; e, quando as religiões não nos satisfazem, quando elas, à custa de regrem a nossa sede e fome de Infinito e de Deus, nos abarrotam de tolices e patranhas manhosas a enfarar, é para essas pequenas e ingênuas crendices que ficaram guardadas na nossa memória, desde a meninice mais tenra, que nos voltamos para que a obscuridade do viver não nos cegue de todo, e elas nos guiem na nossa vida e nos desculpem, depois da nossa morte, perante o que vier... (BARRETO, 2004, p. 1028).

De acordo com esse trecho, a busca de “estar bem com o mistério” faz com que os seres humanos, em sua “fome de Infinito e de Deus”, sejam abarrotados de “tolices e patranhas manhosas”. As “ingênuas

e pequenas crendices” ficam guardadas na memória, desde a “meninice mais tenra”. Haubwachs (2006) ratifica essa afirmativa, ao difundir a ideia de que a memória individual é contaminada pela memória coletiva. Percebe-se, de acordo com o texto, que é marcante, na existência humana a busca de respostas acerca de instâncias do incognoscível e que, na ausência efetiva de respostas, as religiões imputam aos fiéis “tolices e patranhas”. Vê-se, a partir do que se apresentou acima, que Lima Barreto aponta, simultaneamente, para a busca perene dos seres humanos de encontrar respostas para os assuntos e mistérios do “infinito” e para a impossibilidade de respostas. A necessidade de Deus apontada não encontra, segundo o trecho citado, respostas cabais. As religiões oferecem paliativos que se embalam em superstições.

Há, no texto citado, uma perceptível desconfiança na capacidade humana de dar conta dos “assuntos do infinito”, embora seja próprio de sua natureza especulativa a “fome de infinito” e, mesmo, a “fome de Deus”. Ao ratificar a crítica limabarretiana à religião institucionalizada, intenta-se, aqui, apontar para a presença de uma outra forma de conceber a “relação com o infinito”, a “fome de Deus”.

Ao se estudar as obras de Lima Barreto pelo viés da crítica social, da “denúncia” das imperfeições humanas, partindo de suas “ironias finas” e “chalaças” (FRAZÃO, 2008), muitas vezes se perde a capacidade de perceber a presença de um sutil fio condutor de uma leitura menos “viciada” de suas obras, em especial das crônicas. É recorrente a afirmativa de que a vida conturbada de Lima Barreto o teria levado a uma leitura amarga do mundo. Sem negar a presença desse teor “amargo” na cosmovisão limabarretiana, intenta-se, agora, tratar de momentos em que o cronista, em um “descuido confessional” (um tanto frequente) afirma que a alegria das pessoas reunidas, em meio aos folguedos carnavalescos o contagia e o faz lembrar das romarias religiosas, aproximando o sagrado do profano.

É marcante o fato de Lima Barreto ter escrito poucas crônicas sobre as festas carnavalescas, como também o é o fato de não haver em suas crônicas nenhuma dedicada à religião ou à religiosidade de forma direta. *Da minha Cela* (BARRETO, 2004), crônica que tem como temática central uma das internações do autor e sua descrição do bom tratamento que teve por parte de algumas freiras no hospital do Exército, é uma das poucas em que Lima elogia, de alguma maneira, procedimentos de representantes da Igreja. As irmãs de caridade o trataram bem, durante sua internação no Hospital do Exército, assim, o humor e a ironia rascantes, inerentes ao autor, são diluídos, pelo menos em parte, pela admiração. “A presença das irmãs, aqui, se ainda não me faz católico praticante e fervoroso, até levar-me a provedor de irmandade como o senhor Miguel de Carvalho, convenceu-me, entretanto, de que são úteis, senão indispensáveis nos hospitais” (BARRETO, 2004, p. 398). A ironia presente nesse trecho não deixa que o elogio seja estendido à religião em si e que se possa inferir alguma relação do cronista com a fé cristã. Lima Barreto afirma também que foi padrinho de algumas crianças, mas que, quando o sacerdote pedia para que rezasse, tinha que lhe “ditar a oração”. O elogio às freiras serviu como estratégia para reiterar suas críticas à burguesia:

Testemunha do fervor e da dedicação das irmãs no hospital em que estou, desejaria que fossem todas elas assim; e deixassem de ser, por bem ou por mal, pedagogas das ricas moças da sinistra burguesia, cuja cupidez sem freio faz da nossa vida atual um martírio, e nela estiola a verdadeira caridade (BARRETO, 2004, p. 399).

Como se pode observar, a temática da religião serve, como é comum, na crônica limabarretiana, de trampolim para a crítica social. Entretanto, como ocorre na crônica “Sobre o carnaval”, que se analisará mais adiante, em “Da minha cela” Lima deixa transparecer sua opinião efetiva (e afetiva) sobre a religiosidade, inclusive remetendo o leitor a “cenas” dolorosas de seu próprio passado:

A minha educação céptica, voltairiana, nunca me permitiu um contato mais contínuo com religiosos de qualquer espécie. Em menino, logo após a morte de minha mãe, houve uma senhora idosa, dona Clemência, que assessorava a mim e a meus irmãos, e ensinou-me um pouco de catecismo, o “Padre-Nosso”, a “Ave Maria e a Salve-Rainha”, mas bem depressa nos deixou e não sabia mais nada dessas obrigações piedosas (BARRETO, 2004, p. 398).

Desde muito jovem, Lima distanciou-se do fervor e mesmo da curiosidade religiosas. Já em 1920, em uma crônica denominada “Sobre o carnaval”, publicada em 02/1920, dois anos antes do seu falecimento, Lima Barreto deixa clara a importância que dá à reunião das pessoas em torno das festas carnavalescas:

O isolamento me faz mal à alma e ao pensamento. Mergulho no barulho dos outros, deixo de pensar em mim e nas fantasmagorias que eu mesmo criei para o meu padecer. A embriaguez que a multidão traz, é a melhor e a mais inofensiva de todas que se tem até agora inventado. Nem o ópio nem o álcool, nem o hachisch produzem embriaguez que com a dela se assemelhe. Temos visões extranormais, sem estragar a saúde (BARRETO, 2004b, p. 137).

Segundo o cronista, caso herdasse uma grande fortuna, iria ao encontro das grandes aglomerações humanas, como as que ocorrem ao carnaval. Comparadas a um alucinógeno, as aglomerações o embriagam. Mais ainda, o carnaval leva o cronista a estados “extranormais”. As fantasmagorias que o próprio Lima criava, segundo suas próprias palavras, perdiam-se na magia das alegres festas de momo. A comparação do carnaval ao sagrado se dá exatamente no momento em que o cronista, ao associar as “aglomerações” do carnaval a um alucinógeno, remete o leitor às peregrinações dos bramistas ao Ganges e dos muçulmanos a Meca. Mas, mesmo elevando o carnaval à categoria de momento de elevação espiritual, como se mostrará mais à frente, o carnaval do início dos anos 1920 não agradava ao cronista. Como se pode constatar em Lima Barreto, *Toda a Crônica*, obra organizada por Beatriz Rezende e Raquel Valença (BARRETO, 2004) as crônicas, em sua maioria, criticam veementemente os maus carnavalescos, os maus compositores, enfim a mediocridade do carnaval do momento em que vivia:

Não partilho da opinião da polícia, nem muito menos tenho os melindres pudibundos da ‘Liga’ do Senhor Peixoto Fortuna; o que me aborrece mais no atual carnaval, é a conclusão a que fatalmente chego ao ouvir as suas cantigas, sambas, fados, etc., ao ouvir toda essa poética popular e espontânea, de não possuir o nosso povo, a nossa massa anônima, nenhuma inteligência e de faltar-lhe por completo o senso comum. Mete horror semelhante pensamento (BARRETO, 2004, p. 137).

Como afirma o cronista, não estão nas questões morais os problemas das festas de Momo, e sim na “ausência de inteligência” dos carnavalescos e da “massa anônima”. Para Lima Barreto, são maus carnavalescos aqueles “que não visam à qualidade no que fazem, ou desvirtuam seus postulados: os compositores desleixados, determinados grupos de moralistas, enfim, todos aqueles que não se preocupam com a importância social e humana das festas” (FRAZÃO, 2011, p. 6). As fortes críticas do cronista são disparadas, portanto, não para o carnaval enquanto festa popular, mas para a mediocridade de alguns grupos carnavalescos. Isso pode ser confirmado na leitura de “O morcego”, uma outra crônica que tem o carnaval como tema, onde Lima afirma que os brasileiros vivem para o

carnaval e que os instrumentos carnavalescos tiram do espírito as constantes preocupações: “Todos nós vivemos para o carnaval. Criadas, patroas, doutores, soldados, todos pensamos o ano inteiro na folia carnavalesca. O zabumba é que nos tira do espírito as graves preocupações da nossa árdua vida” (BARRETO, 2004, p. 137).

Em “O morcego”, o cronista, sem se afastar de sua marcante ironia, apresenta o folião que se fantasia de morcego como alguém que subverte a “burocracia cotidiana” (Ver: FRAZÃO, 2000, p. 101-145), afirmando que “a vida não acabará na caserna positivista enquanto os ‘morcegos’ tiverem alegria” (BARRETO, 2004, p. 137). Ainda de acordo com o texto, o morcego é capaz de inverter papéis, de “atirar a máscara fora e sair para a rua”. “Ele então não era mais disciplina, a correção, a lei, o regulamento; era o coribante inebriado pela alegria de viver. Evoé, Bacelar” (BARRETO, 2004, p. 37). Partindo da ideia de que morcego é um animal que suga o sangue alheio, a ironia e o humor se completam quando o cronista a associa (ou contrapõe) ao “sanguinário positivismo do Senhor Teixeira Mendes”. O morcego é, portanto a saída para “prisão da caserna positivista”, um cárcere de leis de conduta. A inversão carnavalesca é, assim, um caminho para, junto com o ruído, o barulho e os tantãs, espancar as tristezas das almas que, simultaneamente, “atordoam-nos e nos enchem de prazer”.

## Sagrado carnaval

Retornando à relação do “carnaval limabarretiano” com instâncias do sagrado, após a demonstração de que mesmo atacando veementemente as más manifestações carnavalescas, Lima elege uma forma peculiar de carnaval como arma para “espancar as tristezas de nossas almas”, pois “o isolamento faz mal à alma e ao pensamento” (BARRETO, 2004, p. 137). Além do carnaval do Rio de Janeiro, outras grandes aglomerações atraem o cronista: Caso pudesse, ele buscaria “espancar a tristeza” em locais que costumam ser procurados por religiosos: Benares e Meca. Para fugir do mal carnaval, mas para encontrar-se com aglomerações semelhantes.

Se tivesse herdado uma grande fortuna e até hoje tivesse conservado, havia de marcar nos dias presentes, a minha vida e a minha estada, em várias partes do mundo, pelas célebres festas que, nelas, determinam grandes aglomerações humanas. Iria a Benares, na Índia, quando fosse a época das peregrinações dos bramanistas ao Ganges sagrado e do sagrado banho no rio divino; iria a Meca, no auge das visitas dos muçulmanos ao túmulo do profeta; iria a todas as festas e cerimônias dessa natureza; mas atualmente, fugiria do carnaval do Rio de Janeiro, que não se pode agora assistir em são e perfeito juízo (BARRETO, 2004, p. 137).

Como diz o autor, nunca foi carnavalesco, “mas como todo melancólico e contemplativo, gosto do ruído e da multidão e não fugia a ele” (BARRETO, 2004). O ruído e a multidão do carnaval o levam a pensar em uma viagem a locais de contemplação e fé. Os conhecedores da conturbada biografia de Lima Barreto, podem entender como essa viagem a lugares de paz e contemplação seriam importantes e poder-se-iam transformar em bálsamos para uma existência marcada pela falta de esperança e pela busca de paliativo no álcool, como podem confirmar suas cartas, seu diário, enfim, suas “escritas de si” (GOMES, 1994). Consciente ou inconscientemente, o cronista vê na alegria das “aglomerações” de foliões, no carnaval do Rio de Janeiro, um ponto em comum com as peregrinações. Trata-se de uma visão que parte da ideia de que há uma espécie de transcendência na união humana em prol de um objetivo de paz e alegria. Pode-se entender, por esse prisma, que a energia da alegria humana, concentrada no carnaval, funciona como uma espécie de “locus ontológico”, lugar de uma

espiritualidade que não se estabelece enquanto tal, mas que se abre a uma viçosa visão do sagrado, não centrada nas religiões propriamente ditas, “institucionalizadas”, como aqui se denominou, mas fundada em uma profunda “necessidade de infinito, de Deus”.

Genuína, essa necessidade de Deus se apresenta enquanto caminho novo, ocultada pela força dos sofrimentos de um cidadão curtido nas dores (do que entendia ser uma espécie de traição do destino em relação a suas derrotas) e camuflada na busca desenfreada de saída para seus dilemas nas lições positivistas em que a razão é a deusa maior e a ordem levaria ao progresso e, por extensão, à felicidade. Mesmo no período de suas internações por alcoolismo, Lima Barreto sempre tentou compreender a razão de seus sofrimentos através da racionalidade. A falha trágica, no que entendia ser uma tragédia (e, em termos de ausência de paz, assim efetivamente se configurava), encontrava-se exatamente na tentativa de buscar saídas no campo de uma racionalidade que não dava conta de seus desejos. Mesmo criticando, algumas vezes, a eficácia da razão, Lima era Kantiano. Agia de acordo a lógica. Mas os sentimentos pareciam não seguir a razão.

Caso queiramos lembrar de personagens criados de acordo com a lógica, com o máximo de racionalidade, por Lima Barreto, podemos citar o protagonista considerado como um dos mais loucos da galeria ficcional brasileira: Policarpo Quaresma. Até mesmo suas atitudes mais cotidianas podem servir como exemplo, como é o caso de os vizinhos do Major Policarpo Quaresma acertarem seus relógios pelo momento em que o Major passava. O major era pontual. Também sua afetiva paixão pela cultura popular e pelo folclore foi levada ao extremo, quando buscou, juntamente com um amigo, na memória de uma anciã de ascendência africana, conhecer cantigas de seus antepassados (FRAZÃO, 2009). Retomar o tupi, como os paraguaios fizeram em relação ao guarani, que pareceu risível aos seus contemporâneos, também seguia uma coerência, embora se tornasse hiperbólico, ao pretender tornar o tupi língua oficial. A preservação da cultura indígena, de seus hábitos, também tinha uma razão de ser. Mas essas “razões” foram entendidas como insanidade (FRAZÃO, 1999). E, pode-se ousar dizer, essa “insanidade” foi o que pôde tornar *Triste fim de Policarpo Quaresma* uma obra, de alguma forma palatável aos leitores do início do século XX (fortemente influenciados pela mestria de Machado de Assis e/ou pela tradição parnasiana). Mesmo nos dias atuais, Policarpo Quaresma é entendido como o “Quixote brasileiro” (FRAZÃO, 1999).

A menção ao *Triste fim* torna-se pertinente, aqui, pela tentativa de demonstrar que está no paradoxo da “irracionalidade da razão” a base dos problemas que Lima Barreto afirma esvaírem-se no encontro das multidões. É no carnaval que a razão - que encarcera o cronista e lhe faz “mal à alma e ao pensamento” - pode ser subvertida. As festas carnavalescas permitem o mergulho no “barulho dos outros”. Ali o cronista pode deixar de pensar de maneira egocêntrica e se afastar das fantasmagorias que ele mesmo tem consciência de criar. A importância maior do carnaval, em Lima, encontra-se no próprio fato de, não sendo folião, ser atraído, fortemente, pela aglomeração de carnavalescos, a ponto de pensar em viagens a outras paisagens em que a fraternidade e não regras sociais predominam.

## Por inteiro

Especulando sobre a razão da remissão realizada pelo cronista a lugares como Benares e Meca, poder-se-ia, partindo da significação de Meca, que em árabe significa “por inteiro”, refletir sobre as afirmativas do cronista acerca da “necessidade de Deus”, entendendo que os homens não se sentem inteiros sem essa parte que muitos denominam espiritualidade, situada no campo do sagrado. Em Meca, os muçulmanos sentem-se por inteiro, fundindo o cognoscível com o incognoscível, o corpo com a alma. De acordo com a tradição islâmica, a fundação de Meca se deve aos descendentes de



Ismael. O profeta islâmico Maomé, ao proclamar o Islã, em Meca, transformou-a em uma cidade sagrada. Antes, no local funcionava um importante centro comercial. Lima Barreto, conhecedor da importância de Meca, em termos de encontro com a outra face do ser humano, o lado desconhecido, o lado do infinito, portanto o lado de Deus, ao pensar na aglomeração dos foliões não separava cristãos de muçulmanos ou muçulmanos de hindus. Quando uma enorme quantidade de pessoas se reúne para festejos bem organizados e alegres, os seres humanos, de acordo com os trechos aqui transcritos das crônicas limabarretianas, encontram-se em um momento especial que, levado a extremos, em termos de sensação de entusiasmo, poderia ser comparado a alucinógenos como a cocaína e o “Haschich”.

A palavra entusiasmo, como já se mostrou, há pouco, refere-se a um “arrebato” a partir da ação divina. Pode-se dizer que nas aglomerações de romeiros, de peregrinos entusiasmados, Deus age. Assim, seguindo as orientações de Lima Barreto acerca de sua vontade de viajar para locais como Meca, pode-se concluir que a cidade, assim como o Rio de Janeiro, no Carnaval, – guardadas as enormes diferenças e objetivos das manifestações referidas –, são locais visitados por pessoas que buscam (ou possuem) entusiasmo, a ação de Deus.

Como em um palimpsesto, as camadas ocultadas pelo agnosticismo proclamado por Lima Barreto em suas crônicas, quando extraídas, deixam marcas de uma inconsciente (ou consciente?) busca do sagrado. Não se afirma que o autor de *Os Bruzundangas* professasse, mesmo que intimamente, alguma religião (formal), mas que possuía, como ele mesmo afirma, ao utilizar a primeira pessoa do plural: uma “necessidade de infinito”, uma “necessidade de Deus”. A remissão a Benares, na mesma Crônica aqui destacada, “Sobre o carnaval”, também não é fortuita. É no rio Ganges (conhecido como Benares ou Gangã) que os indianos jogam as cinzas de seus mortos, cultuam as divindades. Mesmo poluído, ainda hoje, o Ganges, um dos vinte maiores rios do mundo em termos de fluxo de água, recebe multidões de fiéis que a ele acorrem em busca do caminho para Deus, com “entusiasmo”, como o fazem os peregrinos que se prostram na direção de Meca. Entende-se aqui, portanto, que Lima Barreto quando se refere aos grandes redutos das religiões, não o faz pelas religiões em si, mas pela reunião dos seres humanos que buscam a graça, com entusiasmo. E é na graça, no riso carnavalesco que o cronista encontra o “part prie” de suas buscas: a paz interior. Ao ler suas “escritas de si”, o leitor encontra inúmeras passagens em que ele demonstra sua insatisfação, seu mal-estar no mundo. E o carnaval, que surgia, quase como uma epifania, como momento saudável de relaxamento, de tranquilidade e “encontro com o “infinito”, não recebia do cronista maior atenção.

## Considerações Finais

A sutileza da presença de aspectos do sagrado, percebidos no texto da crônica “sobre o carnaval” é tamanha, que para percebê-la, é preciso que, também, como em um palimpsesto, se extraiam as camadas das leituras prévias, marcadas por décadas de análises preocupadas com a forte presença da denúncia social na obra limabarretiana. Tais análises, de certa maneira, “blindaram”, durante longo tempo, a possibilidade de se ver, sob o espírito “voltariano” do cronista suas aspirações mais íntimas e, mesmo inconscientes em relação ao sagrado. Não se tentou, como se pode perceber ao longo do desenvolvimento do presente artigo, afirmar ser o autor um adepto de qualquer religião, pelo menos no sentido mais comum do termo.

O tom confessional, expresso em algumas crônicas, fica camuflado em meio à sátira, à denúncia e à crítica em termos gerais, próprias do texto jornalístico limabarretiano. Os estados de espírito, nesse gênero escrito diariamente para os jornais, ficam mais aflorados e mais difíceis de serem censurados pelo próprio cronista. Assim, em crônicas em que a temática principal está centrada nos fatos

cotidianos, o autor, consciente ou inconscientemente, se conta, se mostra, deixa aflorar pensamentos, desejos e lamentações de sua própria existência e de seu próprio cotidiano. Não é incomum nas crônicas limabarretianas a retaliação por parte de pessoas que se sentiram atingidas pela sátira ou pela crítica direta do cronista. A crônica, mais do que os outros gêneros trabalhados pelo autor permite que se aproxime ao extremo o cronista do cidadão Lima Barreto.

Através das afirmativas sobre os sentimentos de Lima Barreto em relação à sua atração pelo entusiasmo e pela presença dos grandes grupos carnavalescos, pode-se, aqui, em um trabalho que se aproxima ao dos arqueólogos e restauradores, descobrir um novo e importante veio investigativo, imerso nesse manancial de sentidos inesgotáveis, que é a obra limabarretiana: a relação com o sagrado. Trata-se, como em um pergaminho ou um papiro, de extrair os sentidos que se perderiam, caso não buscasse cuidadosamente, sob temáticas aparentemente distantes da problemática do sagrado, a presença do mesmo. Assim, em crônicas sobre o carnaval (sem excluir a presença da tematização de algo relativo ao sagrado ainda não buscado em outras crônicas), consegue-se desvelar que também há em Lima Barreto a reflexão sobre questões relativas à “fome de infinito”, “à fome de Deus”.

## The sacred in palimpsest: the Carnival of Lima Barreto's chronicle

### **ABSTRACT:**

This article intends to reveal the presence of a peculiar way of relationship with the sacred instances on Lima Barreto's chronicles about Carnival. It is seen under the daily subjects layers, the existence of an aspiration for a contact with the sacred (perceived as “infinity hunger”, “God's hunger”). The reflections contained in this article surpass relative questions related to the chronicle (literature) with “writings of himself”, the memory, the identities in Post-modernity.

**Keywords:** Lima Barreto. Chronicle. Sacred. Carnival. Memory.

### **Notas explicativas**

\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da UNIGRANRIO. Bolsista de Produtividade - FUNADESP.

### **Referências**

- BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1995. 182 p.
- BARRETO, Lima. *Toda a crônica*. Beatriz Resende e Raquel Valença (Org.). v. 2. Rio de Janeiro: Agir, 2004. 587 p.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. 258 p.
- \_\_\_\_\_. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. 110 p.
- EAGLETON, Terry. *A idéia de Cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora UNESP, 2005. 204 p.

FRAZÃO, Idemburgo. *Burocracia como imaginação: três momentos da Literatura brasileira e suas fronteiras*. 1999. 366f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Programa de Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999. 366 p.

\_\_\_\_\_. O bruxo e o louco. A sátira e a chalaça nas obras de Machado de Assis e Lima Barreto. In: XI Congresso Internacional ABRALIC. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/IDEMBURGO\\_FRAZAO.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/075/IDEMBURGO_FRAZAO.pdf)>. Acesso em: 02 maio 2013

\_\_\_\_\_. *A memória cultural como ponta de lança* – Lima Barreto: de visionário a precursor. Anais do V Encontro de estudos multidisciplinares em Cultura (ENECULT). Salvador: UFBA, 2009. Disponível em: <[www.cult.ufba.br/enecult2009/19339.pdf](http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19339.pdf)>. Acesso em: 02 maio 2013

\_\_\_\_\_. Carnaval e superação: Literatura e memória. In: ROCHA, José Geraldo da. NOVIKOFF, Cristina (Org.) *Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Espalhafato, 2010. 288 p.

\_\_\_\_\_. *Diásporas internas: o carnaval na crônica limabarretiana*. VII Encontro de estudos multidisciplinares em Cultura. ENECULT. Salvador: UFBA, 2011. *Anais...* Disponível em: <[www.enecult.ufba.br/modulos/consulta.../rel\\_download.asp?nome...](http://www.enecult.ufba.br/modulos/consulta.../rel_download.asp?nome...)>. Acesso em: 02 maio 2013

FEREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio de Língua portuguesa*. Curitiba: Ed. Positivo, 2009. 2120 p.

GOMES, Ângela. *Escrita de si. Escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 1994. 378 p.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 222 p.

LÖVY, Michel. *Utopia e Redenção* – o judaísmo libertário na Europa Central. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. 205 p.

Recebido em: 30 de maio de 2012

Aprovado em: 26 de novembro de 2012